REVISTA DIGITAL ACADÊMICO MUNDO

A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO: UMA TIPOLOGIA SOCIOLÓGICA DA BUROCRACIA, CORPORATIVIZAÇÃO, CONSERVADORISMO, CENTRALISMO E INTELECTUALIDADE

THE ORGANIZATIONAL STRUCTURE OF BRAZILIAN PROTESTANTISM: A SOCIOLOGICAL TYPOLOGY OF BUREAUCRACY, CORPORATIZATION, CONSERVATISM, CENTRALISM, AND INTELLECTUALISM

LA ESTRUCTURA ORGANIZATIVA DEL PROTESTANTISMO BRASILEÑO: UNA TIPOLOGÍA SOCIOLÓGICA DE LA BUROCRACIA, EL CORPORATIVISMO, EL CONSERVADURISMO, EL CENTRALISMO Y EL INTELECTUALISMO

https://doi.org/10.56238/ramv20n19-002

Data de submissão: 09/08/2026 **Data de publicação:** 09/09/2026

Juliana Ferreira
Licenciada em História pela Universidade Anhanguera de São Paulo

RESUMO

O protestantismo brasileiro é um fenômeno socio religioso de uma vasta gama de igrejas, convenções e ministérios com modelos institucionais muito distintos. Este artigo propõe uma nomenclatura, estruturalização, nomeação e organização em cinco dimensões — burocracia, corporativização, conservadorismo, centralismo e intelectualidade — para descrever como tais organizações executam os fundamentos de autoridade, administração de recursos, doutrina e formação de seus líderes. As notas atribuídas a cada tradição são análises e não estatísticas oficiais, e devem ser lidas como instrumentos de comparação de modelos organizacionais e estruturais. Os dados do Censo 2022 do IBGE indicam que 26,9% da população brasileira se declarava evangélica em 2022, mas o crescimento perdeu ritmo em relação às décadas anteriores, o que sugere a necessidade de análises mais refinadas sobre a diversidade interna desse universo religioso.

Palavras-chave: Protestantismo Brasileiro. Organização Religiosa. Burocracia. Corporativização. Conservadorismo.

ABSTRACT

Brazilian Protestantism is a socio-religious phenomenon comprising a wide range of churches, conventions, and ministries with highly distinct institutional models. This article proposes a framework—involving nomenclature, structuralization, classification, and organization across five dimensions (bureaucracy, corporatization, conservatism, centralism, and intellectualism)—to describe how these organizations handle the fundamentals of authority, resource management, doctrine, and leadership training. The ratings assigned to each tradition represent analytical assessments rather than official statistics and should be viewed as tools for comparing organizational and structural models. Data from the 2022 IBGE Census indicate that 26.9% of the Brazilian population identified as Evangelical in 2022; however, the rate of growth has slowed compared to previous decades, suggesting a need for more refined analyses of the internal diversity within this religious landscape.

Keywords: Brazilian Protestantism. Religious Organization. Bureaucracy. Corporatization. Conservatism.

RESUMEN
El protestantismo brasileño es un fenómeno sociorreligioso que abarca una amplia gama de iglesias, convenciones y ministerios con modelos institucionales muy distintos. Este artículo propone una nomenclatura, estructuración, denominación y organización en cinco dimensiones —burocracia, corporativización, conservadurismo, centralismo e intelectualidad— para describir cómo dichas organizaciones ejecutan los fundamentos de la autoridad, la gestión de recursos, la doctrina y la formación de líderes. Las puntuaciones asignadas a cada tradición son análisis, no estadísticas oficiales, y deben interpretarse como instrumentos para comparar modelos organizativos y estructurales. Los datos del Censo del IBGE de 2022 indican que el 26,9 % de la población brasileña se declaró evangélica en 2022, pero el crecimiento se ha ralentizado en comparación con décadas anteriores, lo que sugiere la necesidad de análisis más precisos de la diversidad interna de este universo religioso.

Palabras clave: Protestantismo Brasileño. Organización Religiosa. Burocracia. Corporativización. Conservadurismo.

1 INTRODUÇÃO: POR QUE NÃO EXISTE UM ÚNICO "PROTESTANTISMO BRASILEIRO"

Chamar de "evangélica" uma Assembleia de Deus, uma Igreja Presbiteriana, uma Congregação Cristã no Brasil, uma Adventista ou uma Universal é algo tipico comum e natural do brasileiro, mas por muitas vezes a um leigo, isto camufla as diferenças institucionais mais profundas. Em vez de começar pela teologia (calvinista, arminiana, pentecostal), sugiro começar pela organização: como cada comunidade estrutura o poder, administra seus recursos e reproduz sua identidade.

Cinco perguntas orientam a análise:

Como a organização administra sua estrutura? (burocracia)

Onde e com quem está concentrado o poder? (centralismo)

Até que ponto a organização funciona como instituição integrada e toma rumos similares a grandes empresas, tornando uma igreja teoricamente profissionalizada? (corporativização)

Qual é o peso da cultura, componente humano, tradição e da disciplina moral? (conservadorismo)

Qual é o espaço dado à formação intelectual e acadêmica? (intelectualidade)

Essas perguntas permitem ir além da classificação "histórica/pentecostal/neopentecostal" e observar culturas institucionais distintas dentro do mesmo universo religioso.

A relevância desse enfoque está na possibilidade de compreender por que duas igrejas igualmente "evangélicas" podem possuir culturas internas, relações de autoridade e formas de liderança completamente diferentes. Estudos sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo no Brasil já apontam para a necessidade de nomeclaturas que aqui chamarei de tipologias que considerem a diversidade organizacional, e não apenas a teológica.

2 METODOLOGIA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa de construção tipológica, baseada em revisão de literatura sobre sociologia da religião, organização religiosa e estudos sobre pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil.

As notas atribuídas a cada dimensão (numa escala de 1 a 5) são aproximações analíticas derivadas de:

leitura de estatutos, regimentos e manuais administrativos de denominações;

análise de relatórios institucionais (quando disponíveis);

observação de práticas organizacionais (padronização de templos, comunicação, formação ministerial);

comparação com estudos acadêmicos sobre organização religiosa;

e epistemologia social.

Os dados quantitativos mencionados (número de templos, membros, departamentos) foram extraídos de fontes como o Censo 2022 do IBGE, anuários denominacionais e relatórios institucionais, mas devem ser interpretados com cautela, pois as denominações utilizam critérios diferentes de membresia e algumas não divulgam estatísticas próprias. □

3 OS CINCO EIXOS DA TIPOLOGIA

3.1 BUROCRACIA

Burocracia, aqui, significa cargos, funções, normas, procedimentos, registros, departamentos e cadeias administrativas. Uma igreja burocratizada não depende apenas da relação pessoal entre pastor e fiéis; ela possui uma estrutura capaz de continuar funcionando mesmo com a substituição de indivíduos.

Escala proposta:

1 — baixa burocratização (organização predominantemente informal e local)

2 — burocratização baixa/moderada

3 — burocratização intermediária

4 — alta burocratização

5 — burocratização muito alta (muitos departamentos, níveis administrativos, normas, registros e procedimentos)

Burocracia não é “excesso de papel”; é uma forma racional de organizar instituições grandes e complexas.

3.2 CENTRALISMO

Centralismo responde à pergunta: “Quem toma as decisões?”. Uma igreja pode ser extremamente burocrática sem ser extremamente centralizada. Pode possuir milhares de documentos e departamentos, mas distribuir o poder entre presbitérios, convenções, sínodos, assembleias ou igrejas locais.

Escala:

1 — autonomia local muito elevada

2 — autonomia local elevada

3 — equilíbrio entre centro e periferia

4 — centralização elevada

5 — centralização muito elevada

Esse eixo diferencia, por exemplo, organizações presbiterianas (mais conciliares) de organizações fortemente episcopais ou personalistas.

3.3 CORPORATIVIZAÇÃO

Corporativização é diferente de burocracia. Aqui a pergunta é: "A igreja funciona como uma grande organização integrada, padronizada e estrategicamente administrada?".

Organizações altamente corporativizadas tendem a apresentar:

identidade visual unificada;

padronização de templos e cultos;

administração profissional;

comunicação centralizada;

treinamento institucional;

planejamento de expansão;

departamentos especializados;

estruturas nacionais ou internacionais;

mobilidade de ministros;

uso intensivo de meios de comunicação.

Escala:

1 — comunitária/local

2 — baixa corporativização

3 — intermediária

4 — alta

5 — muito alta

É nesse eixo por exemplo, que a Igreja Universal do Reino de Deus se torna um caso sociologicamente interessante.

3.4 CONSERVADORISMO

Conservadorismo mede o peso atribuído à continuidade doutrinária, tradição, disciplina moral, costumes religiosos e preservação da identidade histórica. Não deve ser confundido simplesmente com posição política de direita. Uma igreja pode ser teologicamente conservadora sem possuir uma estrutura administrativa centralizada.

Escala:

1 — baixa orientação conservadora

2 — moderada

3 — intermediária

4 — alta

5 — muito alta

A Congregação Cristã no Brasil, por exemplo, pode ser analisada como altamente tradicional e conservadora em costumes, mesmo sem apresentar o mesmo grau de corporativização de uma organização neopentecostal "padronizada" dentro dos esteriótipos populares.

3.5 INTELECTUALIDADE

"Intelectualidade" não significa que os membros de uma igreja sejam mais ou menos inteligentes cognitivamente falando. Apenas significa a importância institucional dada a:

seminários;

universidades;

formação teológica;

produção acadêmica;

literatura especializada;

filosofia;

hermenêutica;

teologia sistemática;

pesquisa;

formação ministerial formal.

Escala:

1 — baixa intelectualização institucional

2 — baixa/moderada

3 — intermediária

4 — alta

5 — muito alta

Essa dimensão ajuda a explicar por que uma organização pode ser altamente burocratizada sem ser altamente intelectualizada. □

4 A GRANDE CHAVE (CLASSIFICAÇÃO APROXIMADA)

Essas notas são instrumentos analíticos, não indicadores estatísticos oficiais. Servem para comparar modelos organizacionais e sistêmicos e não para ranquear igrejas.

5 CASOS EMBLEMÁTICOS

5.1 A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

A CCB é um caso importante porque mostra que grande escala não significa necessariamente corporativização. A própria estrutura da denominação registra mais de 21 mil casas de oração no Brasil, distribuídas por todo o território nacional. Em São Paulo, por exemplo, aparecem mais de 5 mil localidades em levantamentos recentes.

Isso indica uma organização de enorme complexidade territorial. Entretanto, sua lógica institucional não é simplesmente empresarial. A CCB combina tradição, ministério, disciplina, administração e forte cultura comunitária, com autonomia prática das localidades.

Seu conservadorismo é maior que sua corporativização. Por isso:

CCB = tradicionalismo italiano protestante em forma de instituição.

Não: CCB = corporativismo religioso.

Isso não significa ausência de burocracia. O DARPE da CCB, por exemplo, descreve uma estrutura com coordenação, corpo administrativo, documentos, ofícios, fichas cadastrais, estatísticas e atendimento organizado. Em maio de 2026, o departamento registrava 206 unidades e 17.695 pessoas entre ministério e colaboradores.

5.2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Universal representa praticamente o polo oposto. Sua estrutura combina carisma, burocracia, centralização, comunicação, expansão territorial e administração profissionalizada e exparsamente detalhada. A própria organização registra milhares de templos no Brasil e presença internacional.

No Pernambuco, a Universal informou possuir 265 templos em 2025. Em Goiás, informou 212 templos, aproximadamente 521 pastores e esposas e mais de 11 mil voluntários. Esses números mostram que a escala exige uma estrutura administrativa capaz de coordenar milhares de pessoas e unidades.

Por isso podemos classificá-la como:

IURD = corporativização teocrática de alta intensidade e popularmente acessível.

Isso não significa que a igreja seja literalmente uma empresa. Significa que certos mecanismos típicos de organizações complexas — padronização, hierarquia, comunicação, gestão e expansão planejada — possuem grande importância em seu funcionamento.

5.3 A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia apresenta outro modelo. Ela combina alta burocracia, alta centralização institucional, corporativização e forte formação educacional. Sua estrutura é internacional e possui diferentes níveis administrativos.

Os dados do Yearbook adventista registram, em 30 de junho de 2025, 16.054 igrejas e 2.700.920 membros na Divisão Sul-Americana, que inclui Brasil e outros países. O modelo adventista também apresenta forte presença institucional nas áreas de educação, saúde, publicação, comunicação e formação ministerial.

Por isso, é um caso importante porque demonstra que corporativização não necessariamente significa neopentecostalismo. Uma igreja pode ser altamente corporativizada e simultaneamente possuir forte tradição acadêmica e educacional.

5.4 AS ASSEMBLEIAS DE DEUS: O CASO DA HIBRIDIZAÇÃO E ALTA FRAGMENTAÇÃO

As Assembleias de Deus precisam ser tratadas de maneira diferente. Não existe uma única organização assembleiana que controle todas as igrejas chamadas “Assembleia de Deus”. Há diferentes convenções, ministérios e estruturas.

Por isso encontramos alta burocracia, conservadorismo e centralização variável. Um ministério assembleiano pode apresentar centralização muito elevada, enquanto outro possui grande autonomia local. Essa diversidade explica por que seria incorreto atribuir uma única nota de centralismo às Assembleias de Deus.

É um dos melhores exemplos de "grande tradição religiosa com estrutura organizacional fragmentada".

5.5 PRESBITERIANISMO: BUROCRACIA SEM CORPORATIVISMO EXTREMO

A Igreja Presbiteriana do Brasil representa um modelo diferente. Sua estrutura possui igrejas locais, presbitérios, sínodos, Supremo Concílio, pastores, presbíteros, órgãos administrativos, seminários e literatura teológica. Portanto, há burocracia elevada.

Mas o poder não funciona exatamente como numa organização neopentecostal fortemente centralizada. A autoridade é distribuída por estruturas conciliares. Por isso:

Presbiterianismo = burocracia + colegialidade + intelectualidade.

A IPB registrava, segundo dados disponíveis em levantamentos denominacionais, cerca de 703 mil membros em 2021. Sua importância sociológica não está apenas no número de membros, mas na densidade institucional e intelectual.

6 O FATOR INTELECTUAL

Quando acrescentamos a intelectualidade, aparece uma divisão especialmente interessante.

Alto nível intelectual

Podemos colocar no grupo: Presbiterianas, Luteranas, Metodistas, Adventistas, Nazarenos e parte dos Batistas. São tradições que historicamente desenvolveram seminários, escolas, universidades, editoras e literatura teológica.

Nível intermediário

Assembleias de Deus, Presbiterianas Renovadas, Maranata, Batistas Nacionais. Possuem formação teológica, mas com grande variação entre instituições.

Baixa intelectualização acadêmica

Algumas igrejas neopentecostais, segmentos fortemente personalistas e alguns movimentos pentecostais de forte orientação carismática. Aqui a autoridade tende a depender mais de testemunho, experiência religiosa, liderança, revelação e tradição oral do que de produção acadêmica.

7 CINCO GRANDES TIPOS

A partir dos cinco eixos, podemos construir cinco grandes modelos.

TIPO I — CORPORATIVO-CENTRALIZADO

Características: burocracia elevada, corporativização elevada, centralismo elevado, comunicação integrada, expansão planejada, liderança hierarquizada.

Exemplos: IURD, Sara Nossa Terra, Igreja da Graça e alguns outros movimentos neopentecostais.

Fórmula: Organização + gestão + centralização + expansão.

TIPO II — BUROCRÁTICO-INTELECTUAL

Características: burocracia elevada, formação acadêmica, colegialidade, tradição doutrinária, menor personalismo.

Exemplos: Presbiterianas, Luteranas, Metodistas e parte dos Batistas.

Fórmula: Doutrina + formação + concílio + instituição.

TIPO III — TRADICIONAL-COMUNITÁRIO

Características: conservadorismo elevado, tradição forte, disciplina, identidade comunitária, menor corporativização.

Principal exemplo: Congregação Cristã no Brasil.

Fórmula: Tradição + comunidade + disciplina + continuidade.

TIPO IV — PENTECOSTAL-PADRONIZADO-CONVENCIONAL

Características: forte experiência carismática, conservadorismo, convenções, ministérios regionais, autonomia variável.

Principal exemplo: Assembleias de Deus.

Fórmula: Pentecostalismo + convenção + ministério + autonomia variável.

TIPO V — CARISMÁTICO-PERSONALISTA/TEOCRÁTICO PESSOAL

Características: liderança individual muito forte, culto carismático, centralização, menor intelectualização, dependência da figura do fundador ou líder.

Exemplos: algumas igrejas neopentecostais e pentecostais independentes.

Fórmula: Carisma + liderança + centralização + experiência religiosa.

8 UMA REPRESENTAÇÃO EM DOIS GRANDES EIXOS

Podemos resumir tudo em um mapa:

AUTONOMIA LOCAL ←→ CENTRALIZAÇÃO

e

TRADIÇÃO/COMUNIDADE ↑↓ CORPORATIVIZAÇÃO/ADMINISTRAÇÃO

Nesse mapa, aproximadamente:

CCB → tradição + comunidade + disciplina

Presbiteriana → burocracia + intelectualidade + colegialidade

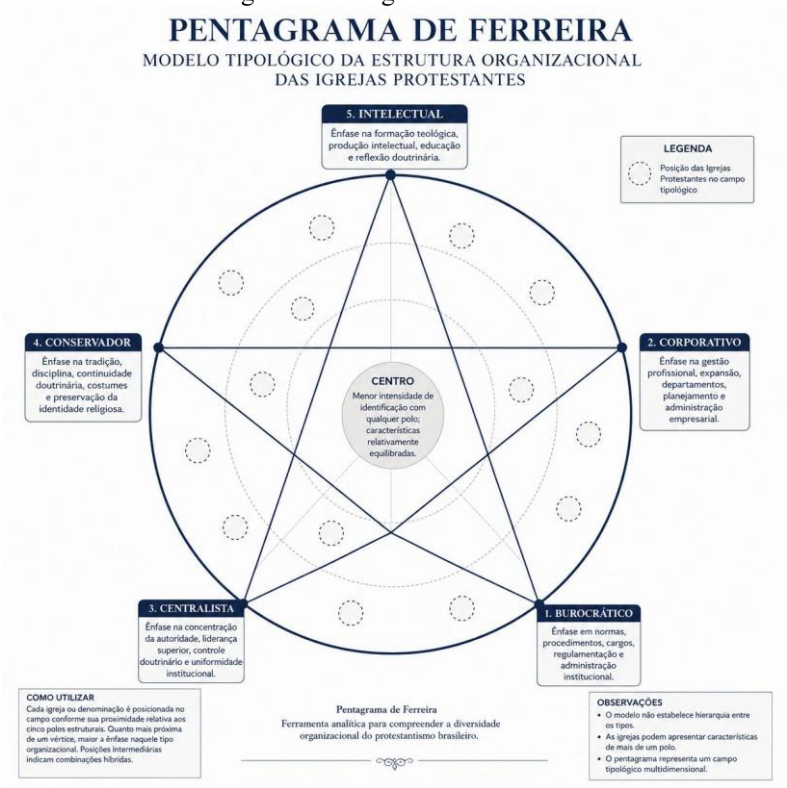
Assembleia de Deus → pentecostalismo + convenções + fragmentação

IURD → centralização + corporativização + administração

Adventista → centralização + burocracia + educação + corporativização

Abaixo um modelo em imagem para compreender as tipologias das instituições religiosas. O chamo de Pentagrama de Ferreira:

Figura 1. Pentagrama de Ferreira



Fonte da imagem: Edição da imagem por meio do ChatGPT

9 DISCUSSÃO: IMPLICAÇÕES PARA A ANÁLISE DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

A grande contribuição dessa tipologia é mostrar que "igreja conservadora", "igreja burocrática", "igreja centralizada" e "igreja corporativa" não são sinônimos.

Uma igreja pode ser:

muito conservadora e pouco corporativa, como a CCB;

muito burocrática e intelectualmente sofisticada, como determinadas igrejas históricas;

muito corporativa e pouco intelectualizada, como determinados segmentos neopentecostais;

muito grande, mas relativamente fragmentada, como as Assembleias de Deus;

ou ainda: muito burocrática, centralizada, corporativa e intelectualmente institucionalizada, como o modelo adventista.

Portanto, o protestantismo brasileiro pode ser compreendido não apenas pela teologia — calvinista, arminiana, pentecostal, neopentecostal, luterana etc. — mas também pela maneira como cada comunidade organiza o poder, administra seus recursos, reproduz sua doutrina, forma seus líderes e controla sua expansão.

A religião, nesse sentido, não é apenas uma doutrina. É também uma instituição social. E a forma dessa instituição pode variar enormemente:

comunidade → convenção → concílio → burocracia → corporação religiosa → organização carismática.

Essa perspectiva permite compreender por que duas igrejas igualmente "evangélicas" podem possuir culturas internas, relações de autoridade e formas de liderança completamente diferentes.

Os dados do Censo 2022, que indicam 26,9% de evangélicos no Brasil, mas com desaceleração do crescimento, sugerem que o campo religioso está em transformação e que análises organizacionais podem ajudar a entender essas mudanças. □

10 CONCLUSÃO

Este artigo propôs uma nomenclatura e uma fórmula de tipologia em cinco dimensões para analisar a diversidade organizacional do protestantismo brasileiro. A proposta não pretende classificar igrejas como "melhores" ou "piores", mas oferecer um instrumento analítico para compreender diferentes modelos institucionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Agassiz. Sociedade e cultura em evolução. Campinas: Edicamp, 2004.

BABBIE, Earl. Métodos de pesquisas de Survey. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BOANERGES, Ribeiro. Protestantismo no Brasil monárquico. São Paulo: Pioneira, 1973.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, Templo e Mercado. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. A Desinstitucionalização do Sagrado: Um estudo sobre o pentecostalismo celular do Distrito Federal. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

CORTEN, André. Pentecostalism in Brazil. New York: St. Martin's Press, 1999.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONAZZI, Alberto et al. Nem Anjos Nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GUERRA, Lemuel Dourado. Mercado religioso no Brasil: Competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião. João Pessoa: Idéia, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: Religiões – Resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo e formação do Brasil moderno.

NUNES, Eber. Da burocracia para a Profecia: mudanças no neopentecostalismo brasileiro. 200X. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

SERRA, Antonio Roberto. Um estudo sobre a estruturação de igrejas dos protestantes brasileiros. [PDF].

[1] IBGE. Utilizar a publicação oficial do Censo Demográfico 2022 – Religiões para os percentuais e a interpretação sobre crescimento/desaceleração.

[2] FRESTON, Paul. Referência importante para a periodização e diversidade do pentecostalismo brasileiro.

[3] MARIANO, Ricardo. Referência central para a análise sociológica do neopentecostalismo brasileiro.

[4] CORTEN, André. Pode sustentar a discussão sobre características sociais e institucionais do pentecostalismo brasileiro.

[5] BABBIE, Earl. Pode fundamentar a discussão metodológica, especialmente quanto à construção de instrumentos e pesquisa social.

[6] CAMPOS, Leonildo Silveira. Especialmente relevante para a discussão da relação entre religião, mercado, mídia e organização no neopentecostalismo.

[7] GUERRA, Lemuel Dourado. Relevante para competição, mercado religioso e dinâmica institucional.

[8] GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. Seventh-day Adventist Yearbook. Usar a edição correspondente ao ano dos dados apresentados.

[9] Documentos institucionais das próprias denominações. Para números de templos, colaboradores, pastores, unidades e membros, é importante indicar no texto a denominação, o documento e o ano da informação.

[10] Conceito de burocracia. Para fortalecer academicamente esse eixo, recomenda-se acrescentar posteriormente uma referência direta a Max Weber, especialmente aos estudos sobre burocracia, dominação racional-legal e organização institucional.

[11] Estrutura presbiteriana. Recomenda-se utilizar o estatuto/código de governo da denominação estudada, além da literatura acadêmica sobre presbiterianismo, para fundamentar a distinção entre centralização e governo conciliar.

[12] Congregação Cristã no Brasil. Os números e informações referentes à CCB devem ser acompanhados, na versão final, do documento institucional específico utilizado, com título, ano e página, quando disponíveis.

[13] Assembleias de Deus. Como existem múltiplas convenções e ministérios, cada dado deve indicar exatamente qual organização está sendo analisada, evitando apresentar uma estrutura específica como se representasse toda a Assembleia de Deus no Brasil.